

Observa-se, ainda, na obra, e também muito ao sabor infantil, um desenlace que invalida o caos instalado – a dor/a angústia do Pintalgato – ou, por outras palavras, um afastamento do elemento disfórico, pelo restabelecimento da harmonia inicial: um gato feliz, mas desobediente, protegido maternalmente por uma carinhosa mãe gata, que «ronrona ternuras» e também «esfrega carinhos no corpo do escuro».

Inerente à narração em causa julgamos, também, estar presente um certo didactismo em relação ao leitor-receptor, evidenciado pela sugestão de valores como a tolerância, o direito à diferença e a importância do autoconhecimento e da auto-aceitação.

Ainda que os limites desta recensão não possibilitem uma abordagem aprofundada das diversas “vozes intertextuais” ou da «pluralidade de outros textos»¹ que, neste conto de Mia Couto, se fazem “ouvir” de modo mais ou menos nítido, é inevitável não o aproximarmos dos contos *O Patinho Feio*, de A. C. Andersen ou, ainda, de *Os Ovos Misteriosos*, de Luísa Ducla Soares.

Sob outra perspectiva e atendendo, por exemplo, à valorização de alguns aspectos temáticos ou de certos motivos, somos levados a infirmar a hipótese desta ser uma narrativa exclusivamente vocacionada para um público infantil. O facto é que os “níveis de leitura” deste texto são verdadeiramente plurais e, em certos momentos, não só a mensagem subjacente a esta história parece possuir um maior alcance, como também o próprio registo discursivo se revela mais intrincado e, logo, mais “adulto”.

Uma última palavra para assinalar a relevância da componente pictórica de *O Gato e o Escuro*. Na verdade, as ilustrações de Danuta Wojciechowska, quer pelas opções cromáticas, quer pela configuração simbólica² inerente aos elementos figurativos conjugados neste “mini-álbum”, contribuem, em larga medida, para a reconstrução de um universo onírico, alargando, de certo modo, o texto verbal.

De qualquer forma, e independentemente do destinatário preferencial de *O Gato e o Escuro*, o que importa é que este constitui um texto “inovador e criativo”, uma história delicada que nos obriga a «despersianar» os olhos, nos coloca o coração a «tiquetaquear» e nos faz concordar que, como afirma o próprio autor, interessante e antes de tudo é a vida...

Bibliografia

BARTHES, Roland, *S/Z*, Paris, Éditions du Seuil, 1970, p. 16.

DINIZ, Maria Augusta Seabra, «O Gato e o Escuro», in *CRILIJ*, Boletim N.º2, 2002, p. 36.

RIBEIRO, A. M., «Mia Couto» (Entrevista), *DNa* (Suplemento do *Diário de Notícias*), 15/05/1999, p. 10-15.

SEIXAS, M. J., «Conversa com vista para Mia Couto», *Pública*, N.º188, 02/01/2001, p. 20-25.

TOMÁS, A., «Camaleonar a língua», *Mil Folhas* (suplemento de *Público*), 08/09/2001, p. 10.

Sara Raquel D. Reis da Silva
Universidade do Minho

¹ Roland Barthes, *S/Z*, Paris, Éditions du Seuil, 1970, p. 16.

² Por exemplo, logo no início, observa-se a representação de um gato preto, animal cujo simbolismo é heterogéneo, em cima de um livro fechado, a sugerir não só a sabedoria, mas também, talvez, o mistério de um segredo guardado.